

**IMORTAIS DA ACADEMIA**  
**EPISÓDIO 27 – PARA COMPREENDER A VERDADEIRA IMORTALIDADE**

**01:00:17:15**

ABERTURA

**01:00:22:40**

**OFF**

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,  
Arte e ciência, pensamento e memória,  
Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.  
A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.  
Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,  
Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

**01:01:02:29**

**VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia**

**01:01:11:29**

**Eduardo Portella – Posse em 1981**

Tem pessoas que recebem a Academia como aposentadoria, e acha, até acredita nessa coisa meio folclórica que é a imortalidade, eles pensam que são imortais. Eu não participo dessa auto efusão, ao contrário eu acho que o trabalho intelectual é um trabalho de cada dia, é um “vir a ser”, é uma viagem interminável.

**01:01:41:20**

**VIDEOGRAFISMO – Cadeira 27: Para compreender a verdadeira imortalidade**

**01:01:49:03**

**Eduardo Portella – Posse em 1981**

O tempo é simultâneo, não é sucessivo, então, a obra tem que ser passado, presente e futuro simultaneamente porque nós somos passado, presente, futuro. Em cada ação nossa agora eu estou mobilizando a minha memória, e estou me projetando sobre o futuro e estou tendo a ação no presente. O grande escritor da conta dessa estrutura simultânea do tempo, os outros não, são as tatuagens da época, são os pequenos cortes, mas não tem essa visão totalizante abrangente da peripécia humana.

**01:02:31:02**

**Muniz Sodré – Jornalista e professor**

O Eduardo Portella foi uma pessoa que trouxe um elemento novo pra critica literária. O Portella não fez uma sociologia da literatura, nem fez uma critica da literatura, tanto que ele mudou o nome, critica literária. O que é que significa que a critica dele não tinha um distanciamento cientificista e ele reconhecia que ele é atravessado pela literatura quando fazia a critica, diz que a critica é literária e não critica da literatura e o Eduardo é uma figura da escola de letras, uma figura crucial da faculdade de letras da UFRJ, tanto quanto um grande professor de literatura, ele conjuga o que ele escreveu com a intervenção oral, a intervenção verbal dele na discursão sobre as letras dentro da cultura brasileira.

Então, ele é uma pessoa, primeiro, de uma inteligência muito aguda, ele tem uma intervenção moderna. O Eduardo Portella é um cara que absorve da filosofia, da sociologia, da política, da vida política brasileira. Então, ele tem essa virtude de ser um intelectual de letras, letras como um universo cultural e politizado do espaço público.

**01:03:56:24**

**OFF**

“A tarefa de deslindamento crítico consiste num processamento ideológico, corresponde a um interminável esforço de compreensão da verdade. Compreender a verdade é localizar-se no interior do seu jogo e acompanhar a sua dinâmica interna. Assim como a verdade joga para totalizar, a crítica só é criação quando se confunde com o jogo total do mundo, com aquela fascinação suprema; carregada de sentidos maiores.”

*Fundamento da investigação literária*

*Eduardo Portella*

**01:04:35:14**

**Camilo Cavalcanti – Doutor em Letras**

O Eduardo Portella tem uma formação muito especializada em crítica literária, ele foi presidente da UNESCO, ele também teve uma passagem pelo ministério da educação e a anistia tinha sido coordenada para que os brasileiros fossem anistiados segundo as pastas ministeriais, então, por exemplo, se você era engenheiro quem estava com a lista para fazer a anistia era o ministério da infraestrutura, médicos a lista estava com o ministro da saúde, e assim por diante, e ele tinha então o ministério da educação e a lista para anistiar os brasileiros que vivem dessa área né, de educação e cultura. A grande festa da anistia pelo que eu pude perceber ela se restringe a educação e cultura.

**01:05:41:29**

**Eduardo Portella – Posse em 1981**

Eu nunca fui ministro, eu estive ministro, compreende? Eu acho que essas funções são transitórias. Quem acreditar que é permanente se engana. Então, você deve procurar que as funções transitórias sejam transitivas, ou seja, conduzam a alguma coisa, e foi num momento complexo que era num momento de transição, começava a abertura, mas havia um setor no poder que não absorveu a ideia da abertura, então eu vivia em uma situação de conflito, me chamaram pra ser o ministro da abertura e eu encontrei lá uma estrutura de poder, a estrutura chamada comunidade informação que me via até com maus olhos porque achavam que eu era excessivamente liberal porque eu anistiei todos os caçados da minha área, professores, artistas, estudantes, todos eu anistiei, causando um desconforto e uma insatisfação e uma desconfiança. Essa comunidade informação me via como um militante radical, qualquer coisa assim. ...era um ministro, queira ou não ainda era um regime militar embora se proclamasse um regime de abertura, já havia a lei da abertura, a lei da anistia sancionada por Geisel, mas o sistema não tinha absorvido aquela situação, aquela abertura, então, o sistema me cobrava pra fechar e eu vim pra abrir. Eu acho que quem estava fora do tempo era o sistema, mas havia um choque entre a minha concepção do tempo e a concepção do sistema.

**01:07:34:00**

## **OFF**

Quem antecede Eduardo Portella na cadeira 27 é Otávio de Faria. Dois homens cujas ideias contrastam com as de seu tempo. Se Portella evidencia seu lado visionário em posicionamentos políticos, em Otávio de Faria, a originalidade vem da ousadia de seu projeto literário.

**01:08:01:29**

### **Ida Vicenzia – Doutora em Letras**

Otávio de Faria ele é um homem do início do século passado. Então, ele vem de uma sociedade do século XIX não digo repressiva, mas tinha suas normas e ele vem da aristocracia, da alta burguesia carioca. Então, ele foi criado pra obedecer toda uma estrutura social e ele rebelou contra isso, e essa rebelião veio através da literatura dele. Escreveu 13 livros romances da tragédia burguesa, em vez dele fazer uma coisa bem comportada com português acadêmico, ele fez um estudo assim da burguesia da sua época sem colorir. Ele tinha um olhar crítico esse tipo de sociedade, principalmente o que faziam com as mulheres, os casamentos forçados, as negações de vocação, as carreiras negadas, tudo isso ele via que acontecia muito. As peças de teatro que ele fazia sobre o calvário ele coloca durante o julgamento de Cristo com Pilatos a presença da Cláudia Prócula, que é a esposa do Pilatos e a primeira mulher que se rebela contra a condição dela e vai acompanhando Cristo, então na época aquilo foi um choque né, ele fica sendo conhecido como um escritor de certa forma revolucionário dentro dos padrões que ele vive né.

Otávio de Faria

Posse em 1972

**01:09:49:07**

## **OFF**

“Não é propriamente o amor que é impossível na terra. A comunicação entre os seres é que falha a todos os instantes, o silêncio traindo, as palavras traindo, o mundo inteiro traindo sempre que duas criaturas precisam realmente se entender. O amor não é impossível. Seguramente não o é. Mas, é um milagre – o milagre de um equilíbrio que nada consegue romper, apesar de sua infinita fragilidade.”

Tragédia burguesa I – Mundos mortos

Otávio de Faria

**01:10:30:23**

### **Ida Vicenzia – Doutora em Letras**

Ele era muito amigo do Otto Lara Resende, quando ele começou a publicar, toda aquela turma mineira Otto Lara, Fernando Sabino eram adolescentes leitores dele, completamente fascinados pela leitura porque pela primeira vez tão tratando o adolescente na literatura né. Ele começou com a liberdade, eles tinha liberdade pra fazer o que quisessem os adolescentes da literatura dele, quando o Otto chegou no Rio ele conheceu o Otávio e ficou fascinado e depois os dois foram companheiros na Academia. Eles diziam: “Que engraçado né, nós dois somos encantados com a sub literatura, e o que nós escrevemos é sub literatura”, porque, por exemplo, o Otávio ele tinha um estilo desarrumado completamente, então os críticos vinham em cima: “é uma pena, porque ele poderia ser um Balzac, poderia ser um Proust”, o Bosi, Alfredo Bosi ele lamentava o fato de o Otávio não ter trabalhado mais porque podia ser uma obra

gloriosa, outros não, como o Lêdo Ivo, por exemplo, dizia que era a mais grandiosa obra brasileira pelo volume, e pelo assunto que ele tratava podia ser sim ser equiparado a um Stendhal e um Proust.

Otto Lara Resende  
Posse em 1979

Alfredo Bosi  
Atual ocupante da Cadeira 12

Lêdo Ivo  
Posse em 1987

#### **01:12:10:03 – VINHETA**

**Estamos apresentando Imortais da Academia**

#### **01:12:29:28 – VINHETA**

**Voltamos apresentar Imortais da Academia**

#### **01:12:37:22**

##### **OFF**

O pensamento do fundador da cadeira 27 é, ainda hoje, motivo de reflexão e também de luta. Joaquim Nabuco, defensor incansável da causa abolicionista, via na escravidão a origem de problemas basilares da sociedade brasileira.

#### **01:13:01:22**

##### **Anco Márcio T. Vieira – Professor do Programa de Pós-Graduação da UFPE**

Nabuco faz parte de uma geração, a chamada geração 1870 que se caracteriza por adotar aquele cientificismo que tava circulando naquele momento na Europa, o evolucionismo social, o positivismo, o determinismo, e a partir dessas ciências se tentava explicar as sociedades, e é claro, no caso do Brasil você tinha alguns probleminhas a mais, você tinha um país que ainda tinha escravidão e você tinha um país que era monarquista. Então, aquela geração ela vai se caracterizar por ser uma geração combativa, eles vão usar a imprensa, o jornal como meios de discutir o país, dar os seus diagnósticos e os seus prognósticos. Nabuco é um homem que durante toda sua vida ele vai usar a imprensa e aí um ponto importante porque talvez a força do Nabuco como escritor e como orador se dê porque ele aprendeu a escrever no jornal.

Segundo o próprio Nabuco, a primeira consciência que ele tem da escravidão se dá aos oito anos quando ele ainda morava no Engenho Massangana, pertencia a sua madrinha dona Ana Rosa. Um dia estando ele em um alpendre, um escravo fugido se joga aos seus pés pedindo para que ele rogasse a sua madrinha para compra-lo porque o seu dono o maltratava muito, ele ali tomou a consciência porque ele pensava que a escravidão era uma coisa suave, como era no Engenho Massangana onde todos os escravos gostavam muito da madrinha, não havia maltrato, punições e etc. Esse seria o primeiro momento da consciência, o segundo momento se dá quando já aqui no Recife, fazendo faculdade de direito, um escravo mata um delegado de policia que tenta espancar esse escravo, esse escravo se revolta e mata o delegado, depois ele é preso e Nabuco toma a defesa desse escravo. Então, em Nabuco ao contrario de muitos dos seus contemporâneos que muitas vezes a consciência vem pelo livro, em

Nabuco não, ela nasce primeiro da sua experiência empírica, o seu confronto com a realidade, depois é que ele vai se armar teoricamente para pensar aquela realidade.

Joaquim Nabuco  
Fundador da Cadeira 27

**01:15:36:14**

**OFF**

“Essa obra – de reparação, vergonha ou arrependimento, como a queiram chamar – da emancipação dos atuais escravos e seus filhos é apenas a tarefa imediata do abolicionismo. Além dessa, há outra maior, a do futuro: a de apagar todos os efeitos de um regime que, há três séculos, é uma escola de desmoralização e inércia, de servilismo e irresponsabilidade para a casta dos senhores, e que fez do Brasil o Paraguai da escravidão.”

*O Abolicionismo*  
*Joaquim Nabuco*

**01:16:21:20**

**Anco Márcio T. Vieira – Professor do Programa de Pós-Graduação da UFPE**

O Sérgio Buarque de Holanda dizia que o abolicionismo talvez fosse a melhor obra de reflexão e de explicação do Brasil que tenha sido escrita no século XIX, ao contrário dos seus contemporâneos da geração de 1870 que vão dizer que o atraso do Brasil se dá pelo clima, pela mistura de raça, pelo solo, ou seja, por esses elementos, Nabuco vai dizer não, o atraso do Brasil se deposita, reside na própria escravidão. Quatrocentos anos de escravidão corrompeu esse país, corrompeu as instituições e corrompeu o caráter das pessoas. Do escravo ao senhor todos estão corrompidos, corrompidos como: A primeira coisa, as pessoas têm vergonha do trabalho, o Nabuco vai observar que no Brasil as pessoas tem vergonha do trabalho, a primeira coisa que um ex-escravo faz quando ganha dinheiro é comprar outro escravo, pra mostrar que ele agora não precisa trabalhar. Essa vergonha do trabalho Nabuco diz que é um grande problema que o Brasil vai ter e talvez precise de várias gerações para acabar aquilo que ele chama de “A obra da escravidão”.

Você tem ideia do quanto Nabuco era importante quando ele morre, o enterro de Nabuco é uma coisa impressionante, tanto no Rio de Janeiro, quanto no Recife, certo, praticamente a cidade para. O corpo dele quando chega no Recife são os ex-escravos que vão receber e carregam o corpo dele até o Santo Amaro. Nabuco era um homem que tinha um prestígio não só entre a elite, ele tinha um prestígio entre o povo, o enterro de Nabuco quem está lá basicamente, predominantemente é o povo, são os ex-escravos.

**01:18:04:07**

**OFF**

Joaquim Nabuco provou-se sensível às tensões de sua época, assim como um de seus sucessores na cadeira 27, Eduardo Portella. A Perspicácia de Portella para ler seus pares literatos e para entender os movimentos de seu tempo deu à sua voz um peso raro.

**01:18:26:25**

**Eduardo Portella – Posse em 1981**

No século XVIII, pouco depois do iluminismo, da ilustração, se deu início ao que se chamou modernidade e hoje alguns teóricos falam em pós-modernidade. Eu tendo a refutar essa ideia de pós-modernidade porque na tradução semântica da língua portuguesa pós é alguma coisa que se acrescenta a outra e

nessa modernidade dos nossos dias não há acréscimo, compreendeu? Se não há acréscimo, logo, não é pós-modernidade é baixa modernidade, como houve na baixa idade média, só que a baixa idade média ainda era mais rica que a baixa modernidade. Hoje há um nivelamento por baixo, aquelas categorias-chaves que identificavam a condição humana estão sendo debilitadas. Você veja nas produções intelectuais, no sistema de vida, na convivência, há um declínio na sociabilidade, o excesso de individualismo, de maneira que essas coisas foram esgotando as linhas de força da modernidade. Então, nós estamos hoje numa baixa modernidade. Nessas épocas os extremismos costumam radicalizar porque o extremismo é uma carência intelectual, é um defeito intelectual, você não tem como cobrar demais intelectualmente do extremismo, os militares foram extremistas, os intelectuais comissários são extremistas. Quando falta a força intelectual, sobra a força física.

**01:20:17:25**

**OFF**

“A tarefa do poema consiste em não dilapidar, nem lapidar. Antes ser a palavra como ela é, e como ela não é. A palavra sendo. É assim que leio a poesia de Ferreira Gullar. É assim que os verdadeiros poetas se distinguem dos vendedores ambulantes. A compreensão da literatura requer certa emoção e nenhuma comoção.”

*Desconstrução dos gêneros literários*  
*Eduardo Portella, em Revista Brasileira*

**01:20:56:00**

**Eduardo Portella – Posse em 1981**

Os imortais não tem autocritica, nem critica, sabia? Estão muito satisfeitos com a condição de imortal, por isso que eu não acredito na imortalidade, essa categoria que se chama imortalidade eu não acredito nela, a imortalidade está na obra, se ela resistir ao tempo ela é imortal, se não resistir ela evapora-se, perde-se no ar. A gente teria que pensar essas obras que resistem ao tempo, elas são poucas. A obra de Machado de Assis eu acho que resistirá ao tempo, essa eu teria dificuldade até de citar um livro, a de Nabuco também resiste ao tempo, a de José de Alencar também resiste ao tempo, a de Drummond resiste ao tempo, a de Manoel Bandeira resiste ao tempo.

Quando a obra alcança um determinado nível, ela é perene, ela não morre, o autor pode morrer, mas a obra não. Tem autores que são dotados de uma consciência do fazer literário, então esses têm uma consciência, outros não, outros são mais intuitivos, e conseqüentemente não tem uma visão precisa, não é capaz de uma avaliação correspondente do que está acontecendo, aquele dotados de uma consciência critica têm realmente o sentimento, a certeza de que está trabalhando com alguma coisa de perene. O Brasil contemporâneo que Guimarães Rosa tinha, João Cabral de Melo Neto tinha pra citar um prosador e um poeta, às vezes ele escrevia um poema que é como se estivesse dizendo: “é assim que se faz poesia”, é o que se chama em critica de meta linguagem, a capacidade de refletir sobre o que está fazendo. Tem um poema dele chamado “Alguns Toureiros” que ele vai descrevendo determinados toureiros e quando chega em Manoete ele diz: “eu vi Manuel Rodríguez, Manoete o mais asceta, não só cultivar sua flor mas demonstrar aos poetas: como domar a explosão com mão serena e contida, sem deixar que se derrame a flor que traz escondida”, isso é o João Cabral, ele é mão serena e contida e não deixa a flor derramar, tem outros ai que vão deixando a flor derramar logo de saída, a flora já está derramada.

Um crítico que consegue uma releitura é fundamental porque ele conseguiu desconstruir a leitura, e reconstruir e releitura. Machado eu releio o tempo todo, me dedico, mas releio Clarice Lispector pra chegar mais perto, me é difícil viver sem Clarice Lispector eu releio constantemente “A hora da Estrela”, os fragmentos dela, Clarice tinha uma obra de fragmentos muito forte, um fragmento de Clarice às

vezes corresponde a uma obra de um autor outro, uma densidade impressionante. Esses são os autores que a gente vai ter que levar para o resto da vida, não vamos poder viver sem eles.

João Cabral de Melo Neto  
Posse em 1969

Clarice Lispector  
Escritora

**01:24:38:29 - VIDEOGRAFISMO**

Cadeira 27:

Patrono – Maciel Monteiro

Fundador – Joaquim Nabuco

Dantas Barreto

Gregório Fonseca

Levi Carneiro

Otávio de Faria

Eduardo Portella

Atual – Antonio Cícero